

Soalheiro 2013

**Wine**  
A ESSÊNCIA DO VINHO

OPINIÃO



LUÍS COSTA

LUÍS COSTA É O EDITOR  
DA REVISTA WINE - A  
ESSÊNCIA DO VINHO.

## Vinhos com música

*Nunca se fez uma prova como esta: com música ao vivo, clássica como os grandes vinhos, também eles clássicos no seu esplendor.*

Ano após ano, o "Essência do Vinho - Porto" reafirma-se como o grande acontecimento do vinho em Portugal. Mais do que tudo, o sucesso assenta no respeito pelo espírito original do evento, que passa pela aposta na diferença, no arrojo, na originalidade, na qualidade, no pioneirismo, na sofisticação, em suma, naquilo que eu designaria como o espírito contemporâneo do vinho. Que é o que proporciona a este grande evento vinico a possibilidade de reinventar-se todos os anos, por cada edição que passa.

Por isso, foi com entusiasmo que encarei o desafio de protagonizar uma sessão que marcasse a diferença no vasto mundo das harmonizações com o vinho - onde, em boa verdade, quase tudo já foi testado. A ideia não podia ser mais original: fazer a maridagem entre um conjunto diversificado de vinhos e a música clássica ou erudita, mas tudo ao vivo, como se de um concerto se tratasse. Sem deixar de ser, claro está, uma prova de vinhos.

Uma vez aceite o curioso desafio por parte do meu filho Tomás Costa, que a paternidade não me impediu de reconhecer (e o seu currículo atesta) como um dos talentosos jovens violinistas da sua geração, partimos para a estimulante tarefa de encontrar as melhores parcerias para esta espécie de "prova de vinhos em seis andamentos", de que fizeram parte um espumante, um branco, um rosé, um tinto, um Madeira e um Porto.

Ao Vértice Millésime 2009, um vinho complexo (que resulta de um lote de seis castas), de celebração, feérico, espécie de "fogo-de-artifício" contido numa garrafa sempre pronto a "explodir" de alegria, juntámos o "Capricho nº 1" de Paganini, por ser uma música que efervesce de forma similar, no fogo-de-artifício virtuoso e borbulhante da arcada em "ricochet" - e por ser o capricho inaugural de uma série de 24, aquele que chama à atenção, que prende a plateia para o resto da "performance", tal

como o espumante numa prova ou numa refeição. E foi sempre esta lógica de convergência, de buscar na música as características do vinho, que nos levou a juntar o Soalheiro 2013 ao "Capricho nº 21" de Paganini (pleno de lirismo e leveza, com um ocasional floreado virtuoso e brilhante) ou o tinto Herdade dos Grous Reserva 2011, um vinho que permite leituras similares à "Partita em Si Menor - Sarabande", de Johann Sebastian Bach, mestre do barroco e daquela sensação única de estarmos a ouvir dois violinos em permanente e constante diálogo - tal como os aromas primários e secundários do vinho em justaposto e perfeito equilíbrio.

A acidez estonteante do Sercial 1971 da Henriques & Henriques teve parceria digna na "Grande Fuga, Op. 133" de Beethoven - porventura a sua mais complexa e enigmática obra - enquanto o "sui generis" e delicioso Dalva Golden White Porto 1963 encontrou parilha perfeita na "Fantasia Sobre Um Tema de Thomas Tallis" de Ralph Vaughan Williams, que começou por ser uma melodia de salmo, simples e austera, de 1567, para ser redescoberta por Vaughan Williams já na viragem para o século XX... tal como sucedeu, mais de 50 anos depois, com este fantástico Dalva Golden White Porto 1963.

Nesta "prova de vinhos em seis andamentos" também tivemos um vinho-mistério (servido em prova cega) a que correspondeu, naturalmente, uma música mistério. E tal como ninguém adivinhou que estava a beber Mateus Rosé (o "Cristiano Ronaldo" dos vinhos portugueses), também ninguém descobriu que a eloquente "Sinfonia nº 1" de Mahler esconde na sua linha melódica a popular canção infantil "Frère Jacques". Prova de que as coisas simples e complexas andam quase sempre de mãos dadas. Tal como no vinho. Tal como na vida. ■